



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**DANYELLE ARAÚJO DE OLIVEIRA**

**CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DA IMPORTÂNCIA À  
FORMAÇÃO DO LEITOR**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2016**

**DANYELLE ARAÚJO DE OLIVEIRA**

**CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DA IMPORTÂNCIA À  
FORMAÇÃO DO LEITOR**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso ao Curso de Graduação **de Licenciatura em Pedagogia** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador (a): Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro

**CAMPINA GRANDE – PB  
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48c Oliveira, Danyelle Araújo de  
Contos de fadas na educação infantil [manuscrito] : da importância à formação do leitor / Danyelle Araujo de Oliveira. - 2016.  
22 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.  
"Orientação: Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro, Departamento de Educação".

1. Leitura Literária 2. Conto de fada 3. Formação de leitor I.  
Titulo.

21. ed. CDD 372.4

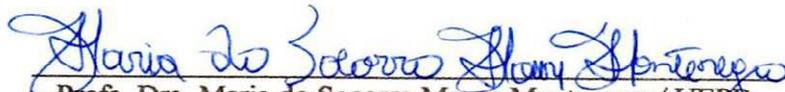
**DANYELLE ARAÚJO DE OLIVEIRA**

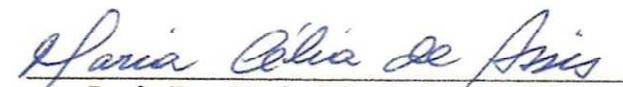
**CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DA IMPORTÂNCIA À  
FORMAÇÃO DO LEITOR**

Artigo de Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação de  
**licenciatura em Pedagogia** da Universidade  
Estadual da Paraíba, em cumprimento à  
exigência para obtenção do grau de Licenciado  
em Pedagogia.

Aprovada em 28/10/2016.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro/UEPB  
Orientadora

  
Prof. Dra. Maria Célia de Assis UEPB  
Examinadora

  
Prof. Mestre Ruth Barbosa de Araújo Ribeiro  
Examinadora

A minha mãe, pela dedicação,  
companheirismo e amizade.

## AGRADECIMENTOS

- ✓ Primeiramente a **Deus**, por ter iluminado meus caminhos e ter me dado força e coragem para enfrentar todos os desafios durante todo o curso.
- ✓ A minha mãe (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.
- ✓ Ao meu esposo **Júnior**, que me transmite muito amor e me incentiva, sempre, nas minhas conquistas.
- ✓ Aos meus filhos **David Kaven** e **Débora Evelyn** por ter compreendido os meus momentos de ausência.
- ✓ Ao meu irmão **Douglas** pessoa em que posso confiar e que sempre estará comigo me apoiando e incentivando em todos os momentos.
- ✓ A minha orientadora, a professora Profa. Dra. **Maria do Socorro Moura Montenegro** por ter acreditado em minha capacidade, dando-me forças a concluir esse trabalho.
- ✓ Aos **colegas de classe**, do curso de pedagogia, pelos momentos de amizade e apoio. E, em particular, a minha amiga **Vânia** que, juntas, nos fortalecíamos para concluir esse trabalho de conclusão de curso.
- ✓ A **UEPB** e a todos que me apoiaram direta ou indiretamente durante todo o curso.

“Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções. Bruno Bettelheim, 2002.”

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
<b>2</b>	<b>DESNVOLVIMENTO.....</b>	<b>09</b>
2.1	UM BREVE OLHAR PARA O CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL DOS CONTOS DE FADA.....	09
2.2	A LUTA PELO SIGNIFICADO DOS CONTOS DE FADAS EM RELAÇÃO À FORMAÇÃO DO (A) LEITOR (A).....	13
2.3	MAS, POR QUE A CRIANÇA TEM A NECESSIDADE PREMENTE DE MÁGICA?.....	17
<b>3.0</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>19</b>
<b>4.0</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>21</b>

## CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DA IMPORTÂNCIA À FORMAÇÃO DO LEITOR

OLIVEIRA, Danyelle Araújo de

### RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de refletir sobre a importância dos contos de fadas como importante objeto cultural, que serviu e ainda continua servindo para incentivar a formação do gosto pela leitura. Em razão disso, compreendemos que os contos de fada são um instrumento muito importante para o estímulo à leitura na educação infantil e um forte aliado do docente no trabalho pedagógico em sala de aula, que traz os leitores mirins para o mundo de magia e fantasia. Esse estudo está centrado numa pesquisa bibliográfica na qual busca, não de forma tão aprofundada, evidenciar a importância dos contos de fadas, sem perder de vista que os discentes são atraídos pela leitura, desde que façamos com que as histórias interajam com o dia a dia das crianças, permitindo que elas vivenciem, no momento da contação da história, um momento único e singular de prazer. Podendo, assim, despertar o gosto pela leitura logo nos primeiros contatos com os contos. Portanto, é de fundamental importância que o docente tenha um olhar atento quando se trata da leitura de contos de fadas, para que a criança, antes de qualquer coisa, aproprie-se, de sua maneira singular, do sentido da leitura, seja sentindo prazer ou desprazer pelo que é lido e contado. E, sempre que possível, o docente estabeleça relação entre a fantasia e a realidade. Enfim, para que o leitor possa ter uma ideia, dividimos esse artigo em três partes, traçando um percurso no qual se inicia com um breve olhar para o contexto histórico-cultural dos contos de fada, perpassando por uma reflexão voltada para a luta pelo significado dos contos de fadas em relação à formação do (a) leitor (a) e, por último, por uma reflexão em forma de pergunta: mas, por que a criança tem necessidade premente de mágica? Apoiada nas ideias de Cadermatori (2009); Amarilha (1997); Bettelheim (2007); Silva (2009); Lajolo (2000) e outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura Literária; Contos de fada; Magia.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem o objetivo refletir sobre a importância dos contos de fadas como importante objeto cultural, que serviu e ainda continua servindo para incentivar a formação do gosto pela leitura. Assim como, também objetiva compreender que os contos e fadas são o estimulador do imaginário desses menores, não deixando de focar, de fato, as contribuições que os contos de fada podem trazer para o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. Fundamentado na pesquisa bibliográfica, evidenciando, sobretudo, os autores: Bruno Bettelheim, (2009); Nelly Novaes Coelho, (2000) e Lígia Cademartori (2009).

Esse trabalho apresentará um breve contexto histórico-cultural dos contos de fada e também a luta pelo significado dos contos de fadas em relação à formação do (a) leitor (a) e a necessidade premente de mágica da criança. Procurando mostrar a importância que os contos de fada alcançam sobre as crianças e o papel que atingem no imaginário do infantil. Assim o artigo dar visibilidade aos autores consagrados da literatura infanto-juvenil mundial, que marcaram as histórias dos contos de fadas em todo mundo, iniciando-se pelo escritor francês - Charles Perrault (1628-1703), os escritores alemães- Irmãos Grimm, Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859), e o escritor dinamarquês - Hans Christian Andersen (1805-1875), e o nosso renomado escritor da literatura infantil brasileira- Monteiro Lobato (1882-1948). No entanto, grandes obras marcaram o mundo de fantasia de milhares de pessoas, tais como: Chapeuzinho Vermelho, A Gata Borralheira, Rapunzel, O Patinho Feio, O Sítio do Pica-pau Amarelo e etc.

Portanto, a leitura de contos de fadas, tanto na educação infantil, como nos anos iniciais do ensino fundamental, é de fundamental importância para o desenvolvimento da criança, porque estimula o lado lúdico dando prazer através da história, fazendo com que a criança sinta interesse pela leitura, devido aos personagens dos contos de fada. Dessa forma, é de extrema relevância o papel do docente no cuidado com a forma de abordagem deste material para que fique claro no entendimento das crianças, fazendo com que a criança se envolva no mundo de fantasia e descobertas trazendo para elas o desejo de ler sem saber ler. Pois é só assim que a criança começa a tomar gosto pela leitura, ao introduzir a leitura lida e as contações de histórias, tratando das particularidades fantasiosas que os contos de fada possibilitam e ao mesmo tempo termina sendo tão observado pelos menores, além de estas serem capazes de modificar seres mortos em seres com vida.

Assim sendo, através das leituras e das contações de história os leitores mirins são transportadas para o seu próprio mundo de fantasia, ficando para o docente a intermediação entre o mundo real e o mundo imaginário, onde a fantasia prevalece para que o discente saiba distinguir os fatos reais dos fatos fantasiosos. Os contos de fada proporcionam a observação do mundo, de modo que consigam se transformar e se tornarem perceptíveis, em razão de serem espelhados, de tal maneira nos heróis das histórias, como pelos acontecimentos, por compreender que a criança pode ter a instrução, sobrevivendo dos contos de fadas que um personagem que aparentava ser asqueroso e que anuncia o medo, pode como num passe de mágica torna-se num amigo atencioso.

A partir disso, dividimos esse artigo em três pontos, traçando um percurso no qual se inicia com um breve olhar para o contexto histórico-cultural dos contos de fada, perpassando por uma reflexão voltada para a luta pelo significado dos contos de fadas em relação à formação do (a) leitor (a) e, por último, por uma reflexão em forma de pergunta: mas, por que a criança tem necessidade premente de mágica?

## **2 DESNVOLVIMENTO**

### **2.1 UM BREVE OLHAR PARA O CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL DOS CONTOS DE FADA**

As narrativas de séculos atrás que hoje conhecemos como contos de fadas não tinham registro escrito, sobretudo quando se tem conhecimento de que os contos de fadas eram passados oralmente e costumava ser uma das principais formas de entretenimento, tanto de adultos como de crianças, sobretudo, das classes mais baixas como agricultores e camponeses. E, em sendo assim, os contos de fadas também “estavam ligados ao sobrenatural, ao mistério do além-vida e visavam à realização interior do ser humano” (Coelho, 2000 p.173). E, o mais importante de tudo isso era saber que os contos migravam de uma região para outra, passando, de uma forma ou de outra, por várias transformações, de acordo com a cultura local.

Além disso, faz-se necessário atentar para o fato de que, muito dos contos de fadas que conhecemos, hoje, foi advindos do renomado escritor francês Charles Perrault (1628-1703) e dos Irmãos Grimm, Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859), na Alemanha e do habilidoso contador de histórias, dinamarquês, Hans Christian Andersen (1805-1875). Cada versão

desses autores carrega consigo características diferentes, trazendo, inclusive, suas influências históricas e culturais, de modo que se configuram, de fato, como os consagrados autores dos contos de fadas.

Para contextualizar cada um destes autores consagrados, começemos pelo docente aposentado Charles Perrault, que nasceu em Paris, trabalhou na corte do rei Luís XIV e suas histórias foram originadas da tradição oral que, só após alguns anos, foram documentadas. Pois segundo Ligia Cadematori (1987), o francês Charles Perrault era de origem burguesa e, em virtude disso, desprezava o povo e as superstições populares, chegando a revelar o modelo educativo imposto a ele e a sua época através de narrativas fáceis de serem retidas pelo público infantil. Porém o que mais nos chama atenção e é preciso enfatizar nesse estudo é que, apesar disso, Charles Perrault não deixou de refletir tensões e soluções que, durante muito tempo foram sonhadas pelos próprios camponeses, vítimas da repressão do governo absolutista de Luís XIV que, a partir disso, transferiu para uma de suas grandes obras, como é o caso de a “A gata Borralheira”, já que é marcante nesta, a presença do personagem humilhado e maltratado em o - Gato de Botas - personagem principal, por ser astuto em tirar proveito da corrupção social no - Pequeno Polegar - um anão astuto que vence gigantes tolos, ou seja, os personagens como são de costumes, usam de sua inteligência e esperteza para vencer a força física do opressor. Sendo visivelmente perceptível, também em suas obras, a presença do confronto entre o “bem e o mal”; “belos e feios”; “fortes e fracos” e é, justamente, nessa direção que Charles Perrault faz severas críticas à corte.

Já os Irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm nasceram na Alemanha na localidade chamada de Hanau, tendo sido filólogos (verdadeiros estudiosos da língua alemã) e, em razão disso, chegaram a viajar por áreas rurais nas quais encontraram histórias que eram contadas em diferentes regiões. Podemos destacar os contos mais conhecidos dos Irmãos Grimm no Brasil, que são: “Rapunzel”; “João e Maria” e “Branca de Neve”. Vale dizer que os contos dos Irmãos Grimm trazem características bastante fortes em relação ao desamparo, a solidão e a fome, além de questões que, naquele momento, faziam-se muito presentes, devido ao contexto histórico que se passava na Alemanha.

Acreditamos que, a partir desse contexto histórico da época, surgiu algum conflito que fez com que os Irmãos Grimm levassem o personagem principal, de uma dessas histórias, a sair pelo mundo sofrendo de solidão e angústia, mesmo que, de uma forma ou de outra, se resolva, desapareça rapidíssimo no final de suas histórias, em um passe de mágica, a solidão e a angústia, até porque faz parte do imaginário de todo e qualquer conto: a criação, a invenção, o simbolismo. Outro fator que merece destaque, é o fato de que, mais de um século separa

Charles Perrault dos Irmãos Grimm, sobretudo em razão de, no momento, estarem vivendo na época do pleno Romantismo, motivo pelo qual davam uma versão mais suave à violência e a crueldade. Percebemos, claramente, quando da versão de Perrault, no conto de “Chapeuzinho Vermelho”, tendo em vista que no final o lobo devora a menina e a avó, enquanto que o mesmo conto “Chapeuzinho Vermelho” na versão dos Irmãos Grimm, o caçador salva as duas.

Já Christian Andersen - dinamarquês da cidade de Odense – é também um dos renomados contadores de histórias, que viveu no ápice do Romantismo e por isso seus contos, queiramos ou não, provavelmente, foram influenciados pelo contexto histórico e cultural no qual ele vivenciava naquele momento. Sem perder de vista que a Alemanha e a Inglaterra foram pioneiras no romantismo, tendo sido reconhecido como escola literária nos últimos 25 anos do Século XVIII, quando a França assumiu o Romantismo como uma nova tendência. Portanto, foi o cenário no qual essa escola literária se encontrava. Para, além disso, convém ressaltar que Andersen passou por uma vida cheia de adversidades o que, indubitavelmente, refletiu em sua personalidade. Em vista disso, é salutar deixarmos aqui, registrado que, todo autor, todo escritor, queiramos ou não, traz no bojo de sua escritura, a sua vivência, as suas idéias, advindas de suas leituras, de seus saberes e de suas trocas de saberes com os seus pares. Daí compreender que ele não buscou apenas inspiração nos contos que lhes eram contados, tanto pela tradição oral, como pelos populares, mas também pela sua vida, tendo sido ela, trágica ou não, feliz ou não. E isso é extremamente visível, quando Andersen mostrava também a sua não conformidade com as desigualdades sociais e as injustiças dos poderosos, tendo defendido os direitos iguais independente da classe social a que o sujeito pertencesse.

Convém ressaltar que, se nos detivermos no estudo de seus contos, iremos perceber determinadas características, como é o caso do conto: “O Patinho Feio” e “Soldadinho de Chumbo”, há a necessidade de aceitação pelos que os rodeiam.

Convém enfatizar que Christian Andersen é considerado por muitos estudiosos como sendo o pai da literatura infantil, pois escreveu, sobre tudo para o público infantil. Daí entender que o dia internacional do livro infanto-juvenil foi escolhido em homenagem a esse renomado escritor – Christian -, já que o dia do livro é o dia do seu nascimento: dois de abril.

No Brasil, as primeiras estórias voltadas para o público infantil, conhecidas como “contos da carochinha”, advindas do primeiro grande escritor para crianças - JOSE BENTO RENATO MONTEIRO LOBATO – o primeiro representante das histórias direcionadas para esse público menor, que marcou a primeira metade do século XX em nosso país. Conforme

ênfatiza Silva (2009 p.103) “Pode-se afirmar com segurança e sem exagero: a nossa literatura infantil não seria o que é se não tivesse existido um homem chamado Monteiro Lobato, uma das mais fascinantes personalidades que marcaram a primeira metade do século XX.”

Como se sabe, esse renomado escritor era mais conhecido por Monteiro Lobato, nasceu em Taubaté cidade do interior de São Paulo em 18 de abril de 1882 e faleceu em 5 de julho 1948. Em 1895, seguiu para a capital São Paulo para tentar ingresso no Instituto Ciências e Letras, curso este no qual se preparava para aprovação ao ensino superior, contudo, foi reprovado na primeira tentativa em português e foi forçado a retornar a Taubaté para estudar. Logo após, mostrou seu talento para escrever, de modo que começou a produzir crônicas, poemas, contos e até desenhos para o jornal colegial chamado “O Guarany”. Fazia suas críticas em formato de crônicas aos acontecimentos da escola assinava com o pseudônimo de Josbem e Nhô Dito. Tentou pela segunda vez a admissão no Instituto de Ciências e Letras e passou com facilidade por todas as fases. No final do século XIX, com 16 anos ficou órfão de pai e mãe e seu avô - Visconde de Tremembé - responsabilizou-se pela sua tutela. Estudou Direito por exigência de seu avô. Mas seu grande sonho era cursar Belas-Artes. Como sua vocação, tendia mais para a literatura e a pintura no tempo em que cursava Direito, terminou escrevendo para o jornal Onze de Agosto e a Arcádia Acadêmica - Jornal Estudantil dos Alunos do Segundo ano de Direito.

Depois de formado, Monteiro Lobato volta a Taubaté e fica noivo de Maria da Pureza ou Purezinha com que se casa e tem dois filhos. Uma grande mudança ocorre em sua vida, após a morte de seu avô em 1911, de tal forma que chegou a herdar as terras de seu avô e se transformou em um fazendeiro que, por influência da situação no qual se encontrava, passou a produzir textos de literatura para o meio rural.

No entanto, após se desentender com o administrador da sua Fazenda que tinha hábitos ecologicamente não corretos, como o caso das queimadas, Lobato trata de publicar um protesto no “Jornal O Estado de São Paulo” intitulado Velha Praga (1914), que teve grande repercussão e o fez famoso neste artigo, tendo surgido à criação do personagem-símbolo da obra lobateana - Jeca Tatu. Este personagem retratava os caipiras da fazenda de Monteiro Lobato, de modo que Lobato ficou sendo, extremamente solicitado para escrever artigos para revistas e jornais. E, em razão de uma crise Monteiro lobato acabou vendendo a sua fazenda e foi morar em São Paulo, onde adquiriu a Revista do Brasil, mesmo tendo continuado a escrever artigos para o Estado de São Paulo, terminou fundando uma editora na qual publicou autores novos, traduzia e editava tudo que lia e lhe cativava, bem como renovou o aspecto estético dos volumes e criou um sistema de distribuição para os livros.

Mais tarde, em uma conversa informal com um colega em sua editora, ouviu um caso “A história do peixe que morreu afogado”, não sabendo Monteiro Lobato que seria uma história decisiva para se iniciar no fantástico mundo das histórias infantis, de modo que se tornou seu primeiro livro para o público infantil.

Como enfatiza Silva (2009, p. 101).

Uma conversa de fim de tarde em sua editora (lá acontecia o que hoje se chama happy hour), um caso contado por um amigo sobre um peixinho que morre afogado foi o germe que logo se transformaria no seu primeiro livro infantil, *A menina do narizinho arrebitado* (1921). Esta história, que ele argutamente faz circular nas escolas, vai-se ampliando com criação de novos episódios, e consolidando seu sucesso junto ao seu público leitor. Lobato embarca nessa aventura, e os títulos se sucedem. As primeiras histórias ganham sua versão definitiva como *Reinações de Narizinho*, em 1931, e, até meados dos anos 40, as aventuras do Sítio do Pica-pau Amarelo se multiplicam e adquirem o status de marco inaugurador de uma nova literatura para crianças. São textos que atizam a imaginação, que instigam o leitor a pensar, a criticar, a tirar conclusões sobre o mundo à sua volta.

Depois desse acontecimento Monteiro Lobato se interessou em produzir obras genuinamente infantis, buscando adequar a linguagem para uma linguagem própria para esse público infantil, se assim pudermos admitir, já que o adulto também se apropria das mesmas histórias que se conta para os menores. Com a publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, em 1921, Monteiro Lobato estréia o que podemos chamar de fase literária da produção brasileira destinada, especificamente, para menores e jovens.

Para a maioria dos brasileiros, os livros de Monteiro Lobato formaram uma das mais ricas lembranças da infância, sobretudo, quando se trata de registrar, lembrar citar, dentre os livros mais conhecidos: *O Marquês de Rabicó* (1922), *Reinações de Narizinho* (1931), *Memórias de Emília* (1936), *Histórias de Tia Nastácia* (1937) e *O Sítio do Pica-pau Amarelo* (1939). Acreditando que tais leituras remetem de uma forma ou de outra, para leituras que, tanto foram vivenciadas no seu cotidiano, como estiveram muito além do lazer, por isso foram qualificadas a prosseguir, já que as representações dessas leituras e desses leitores estão relacionados aos leitores críticos, portanto, cidadãos e cidadãs conscientes e esclarecidos. Embora, deixemos claro que há, em quase todos os livros de Monteiro Lobato, uma carga excessiva de racismo, advinda da cultura de uma época. Bastando, apenas, que os docentes, em sala de aula, não deixem de tratar dessas questões, de modo que saibam desconstruir esses preconceitos raciais.

Já o dia do livro no Brasil, passou a ser comemorado no dia dezoito de abril, por se tratar de uma justa homenagem a esse escritor brasileiro - Monteiro Lobato -, que dedicou parte de seus trabalhos ao público infanto-juvenil.

## 2.2 A LUTA PELO SIGNIFICADO DOS CONTOS DE FADAS EM RELAÇÃO À FORMAÇÃO DO (A) LEITOR (A)

Ao dar início a essa reflexão, necessário se faz que entendamos sobre o significado dos contos de fadas para a formação do leitor, no sentido de que toda e qualquer criança possa vir a ser leitora para a vida inteira, seja conscientemente ou não. Sem perder de vista que os “contos de fadas” são, ou poderia ser um importante caminho que, talvez possa se iniciar na família, mas que é, ou deveria ser, na escola onde a continuidade da formação do leitor deveria ser minimamente assegurada. Considerando que, quer queira, quer não queira, a responsabilidade de formar o leitor é, mesmo, o do espaço educacional da escola, onde deve estar tão somente, o modelo de leitor que se espera de cada docente, já que é o seu papel. Afinal de contas, em todos os níveis, desde a Educação Infantil, perpassando pelos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1ª e 2ª Fase), Ensino Médio e Ensino Superior, o sujeito está lá para ler e também escrever, em sentido amplo e, de acordo com o seu nível de desenvolvimento cognitivo e intelectual.

Com base em estudos e pesquisas, constatamos que, geralmente, a maioria das nossas crianças brasileiras não foi formada para adquirir a prática da leitura no âmbito familiar e, muitas vezes, o seu primeiro contato com a literatura, quando se dá, termina sendo no âmbito da escola, como já dissemos anteriormente. É lá, no espaço educacional da escola que o docente tem, por obrigação, o papel primordial de formar leitores. E ainda bem que a escola conta com a existência dos “Contos de Fadas” que, além de encantar os pequenos, estimula a curiosidade, a imaginação e também a criatividade de várias faixas de idade.

Segundo Bettelheim (2009) é importante que atentemos para o fato de que, se a vida é desconcertante para o adulto, imagina para a criança, um ser indefeso. Então, é nesse sentido que os contos de fadas propiciam a oportunidade para o leitor mirim entender a si própria nesse mundo complexo com o qual deve aprender a lidar com a ajuda de um adulto: docente ou familiar, de modo que “[...] a ajudem a dar um sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos. [Já que] Necessita de idéias sobre como colocar ordem na casa interior, e com base nisso pode criar ordem na sua vida” (Ibdem, 2009, p. 12).

É com base nas idéias desse autor que o docente precisa ter consciência do quanto à leitura dos contos de fadas se, manipulados, com a devida consciência, só trará benefícios à criança para que, de certa forma, esta possa ser um adulto bem resolvido na sua vida. Ao mesmo tempo em que atua, ou pode atuar, direta e/ou indiretamente, no desenvolvimento integral de sua personalidade. E é, a partir disso, que podemos nos perguntar: será que os docentes têm consciência disso? Que leituras estão fazendo para se apropriar disso?

Embora saibamos que muitos educadores conhecem ou sabem da existência do renomado livro: *A Psicanálise dos Contos de Fadas* de Bruno Bettelheim (2009), é oportuno que sugeramos, aos docentes de um modo geral, que façam uma leitura mais cuidadosa em relação ao que é refletido e defendido nesse livro, no que diz respeito ao significado dos contos de fadas para o desenvolvimento da personalidade da criança. Mesmo tendo a devida clareza de que, em consequência disso, a permanente leitura dos contos de fadas também acaba, tanto contribuindo, como influenciando, sobremaneira, para a formação leitora dos alunos de Educação Infantil.

Trazemos Marly Amarilha (1997, p. 53) para corroborar com a idéia de que é:

Ler é, então, participar de um teatro íntimo, ser ator e espectador ao mesmo tempo e não ter outra platéia que não a si mesmo. É por isso que a narrativa proporciona autonomia. No mundo imaginado, o leitor ou ouvinte é senhor absoluto. Além disso, a atividade lúdica proporciona o contato com o simbólico. Quando a criança decide brincar de *casinha*, transfere para objetos, bonecas e para e para suas próprias atitudes representações de coisas e fatos do mundo real, mas que são na verdade realidades imaginárias. Quando a criança veste a máscara de um personagem, ela faz o mesmo trajeto das brincadeiras, ela faz-de-conta que é Cinderela, faz-de-conta que é bruxa e, assim brincando, vivencia dramas que podem ser seus agora, mas que também são antecipatórios do destino humano.

Nesse sentido, o mundo fantasioso dos contos de fada, ora facilita o entendimento, ora ensina a criança comportamentos de concordância intelectual para se relacionar comparativamente com fatos reais. Não esqueçamos que os pequenos dão vida a tudo. Para elas a pedra tem vida e consegue se mover, o sol é vivo, a lua é viva, assim como todos os outros elementos do mundo, da natureza e da vida. A criança na fase egocêntrica espera que o animal fale coisas que realmente ela espera, assim como os animais dos contos de fadas. Podemos observar isto no modo de os leitores mirins brincarem com seus animais de brinquedos, de fato, ela se convence de que o animal a entende. Tanto é que, “[...] um conto de fadas pode ter um significado importante tanto para uma criança de cinco anos como para uma de treze, embora os significados pessoais que dele extraíam possam ser bem diferentes” (BETTELHEIM, 2009, p.25).

Daí levar em consideração as características fantasiosas que os contos de fadas proporcionam e ao mesmo tempo acaba sendo tão apreciados pelas crianças, seja lendo ou ouvindo histórias, elas são capazes de transformar seres inanimados em seres com vida. Assim como são capazes de trazer para o interior das histórias, seus sonhos, seus medos, suas fantasias, quando deixam fluir a imaginação e desenvolvem a curiosidade, chegando a compreender a si, ao outro e ao mundo em que vive. Queiramos ou não, os contos de fadas contribuem para fazer com que a criança progrida de maneira satisfatória, a partir do momento em que o menor é levado a pensar e experimentar o mundo que vive. Ao compreendermos que a criança aprende sobre problemas interiores dos seres humanos e sobre suas soluções, por isso mergulham intensamente nas histórias, nos contos de fadas.

Convém enfatizar que os pequenos leitores chegam a obter um consolo muito maior de um conto de fadas do que de um esforço do adulto para consolá-los, com base no seu raciocínio e pontos de vista, já que uma criança confia muito mais no que o conto de fadas diz, em razão de o mundo que está representado no conto de fadas está de acordo com o seu mundo, com a sua vida.

A criança sente qual dos vários contos de fadas corresponde á sua situação interior no momento (como a qual é incapaz de lidar por conta própria) e também sente onde a história lhe oferece um ponto de apoio para poder enfrentar um problema difícil. Mas isso raramente é um reconhecimento imediato, adquirido ao ouvir um conto de fadas pela primeira vez. Bettelheim, (2007 p.85)

Por mais fantasioso que os contos de fadas sejam não podemos esquecer que eles, mesmo assim, trazem elementos da realidade enveredados pelos aspectos imaginosos: as fadas e os gênios são irreais, porém as qualidades que são empregadas e discutidas são características humanas; os animais não falam porem o que se diz deles é tradução de atitudes e linguagens.

Em sala de aula é importante que a criança seja, a todo o momento, incentivada para a leitura, desde que o docente seja sempre o mediador, propiciando espaços adequados e situações prazerosas de leituras.

Os contos de fadas, através de suas narrativas tornam possível que as crianças ao ouvirem sintam-se atraído de acordo com Nelly Coelho (2000) é importante que ao realizar uma contação de histórias o objetivo principal seja o de levar os leitores pequenos a desenvolverem a sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente. E,

consequentemente poderá haver uma dinamização na sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia.

Pires (2000) está a nos dizer que a literatura infantil torna-se, desse modo, imprescindível, basta que os docentes da Educação Infantil e também dos anos iniciais do ensino fundamental devem trabalhar exaustivamente com a literatura. Pois esta se constitui em material indispensável, que aflora de uma forma ou de outra, a criatividade infantil, assim como pode vir a despertar a “veia artística” das crianças, a partir da educação infantil. É oferecendo os livros de literatura aos nossos pequenos leitores que os docentes poderão formar o leitor para vida inteira.

A escola precisa desconstruir a idéia de que, ao usar a literatura deve usá-la como pretexto para “cobranças didáticas”. Ao contrário, o docente pode explorar o conto de fadas para que depois a criança ouça uma voz que só ela pode escutar. “Assim, o docente ensina cada um a perceber que tem uma voz própria, uma singularidade, e que esse é um dom especial/ que ninguém jamais poderá tirar. Os alunos já sabem que existe o mundo paralelo, criado pelo leitor, a partir do livro” (CADERMATORI, 2009, p. 22).

Em vista disso, faz-se necessário que o docente oportunize a criança a refletir sobre toda história que levar para a sala de aula, só assim, o aluno poderá dialogar com o texto, mesmo que ainda não leia decodificando, mas pode muito bem ler, no sentido mais amplo. Muitos docentes dão a entender que a literatura não é uma atividade significativa, embora cheguem a reconhecer que quando fazem contação os alunos se mostram bastante interessados.

Segundo Amarilha (1997 p.17) “a narrativa é usada para acalmar as crianças quando estão muito inquietas e também para impor silêncio e disciplina aos caos que, às vezes, ocorre na sala de aula”. Mesmo que não estejamos de acordo com o pensamento da autora, em sua totalidade, percebemos que, na prática, geralmente isso acontece Apesar de constatar em algumas pesquisas que o conceito que, geralmente, se atribuí à literatura, muitas vezes, não corresponde a uma única verdade, já que partimos do princípio de que, existem “verdades”, posto que as verdades podem e devem ser “resignificadas”.

Portanto a história quando contada cumpre uma função que pode dá início ao interesse e prazer pela leitura, ao compreendermos que, se os leitores mirins na hora da contação, geralmente, estão interessados em ouvir, significa dizer que é em razão de as histórias terem significados para elas.

A contação de histórias deveria ser uma prática diária nas salas de aulas pelo docente, mas sem uma cobrança para com os alunos de Educação Infantil, ou com os discentes, após a leitura possam entender fantasiar, discutir, questionar e assim se apropriar da história contada,

interagindo ou não, com os personagens e até mesmo lembrando de fatos que passaram despercebidos pelo contador. E, assim, o discente vai tomando gosto pela leitura para que possa, mais adiante, tornar-se um ávido leitor, mas um ávido leitor que tenha prazer com a leitura.

### 2.3 MAS, POR QUE A CRIANÇA TEM NECESSIDADE PREMENTE DE MÁGICA?

Os contos de fada é para as crianças uma maneira única pela qual a criança se aproxima e experimenta o mundo, pois o conto se aproxima mais da visão que a criança tem do mundo, em um momento lúdico onde é estimulada a imaginação.

Assim Coelho (2003) afirma que através dos contos de fadas é possível despertar nas crianças o prazer em ouvi-las, isso é importante para a formação de qualquer criança, pois estimula a criatividade, a imaginação, a brincadeira, a leitura, a escrita, a música, o querer ouvir novamente, desenvolvendo dessa forma a oralidade nas crianças dessa faixa de etária.

Ouvir histórias de contos de fadas contribui para que os potenciais leitores mirins estabeleçam relação da história com suas vidas, do mesmo modo que, de uma forma única e singular a criança passa a ter experiência com mundo que o cerca, ao vivenciar o mundo. Tendo, também, probabilidade para encontrar o conforto no conto, talvez até muito mais do que em um adulto, já que a criança explora a sua imaginação e a criatividade, por meio do conto de fada, que é tão mágico para elas. É nos contos de fadas que suas vontades são naturalmente consumadas, quantas vezes ela queira, chegando a gerar situações que sejam úteis naquele momento no seu interior. Os contos possibilitam o alcance do emocional e do imaginário das crianças, tanto é que ajuda estes a ter definições para sua independência, ao organizar os seus sentimentos com a esperança de chegar a um final feliz. Como enfatiza Bettelheim (2007 p. 67),

Os contos de fadas deixam para a própria fantasia da criança a decisão de se e como aplicar a si própria aquilo que a história revela sobre a vida e a natureza humanas. O conto de fadas procede de um modo conforme aqueles segundo qual uma criança pensa e experimenta o mundo; por isso que ele é tão convincente para ela. A criança pode obter um conforto muito maior de um conto de fadas do que de um esforço para confortá-la baseado em raciocínio e ponto de vista adultos. Uma criança confia no que o conto de fada diz por que a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a sua.

Depois de ouvir ou ler uma história a criança pode se identificar com um personagem e assim provar outras formas de agir e pensar, alargando seu ponto de vista sobre seu meio, pois é através da sua imaginação que irá comparar e analisar os fatos, dando-lhes sentido. A mágica que os contos de fadas trazem, sempre foi e ainda é um elemento muito importante da literatura. É através dessas histórias que a criança vive um simbolismo que, seus personagens trazem e assim podem, indubitavelmente, resolver um possível conflito interno que só a literatura pode oportunizar, pois:

[...] É através de uma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo da história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. Sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (ABRAMOVICH, 1997, p.19).

Nos contos de fadas o modo no qual as crianças vêem o mundo podem se converter, e se tornar compreensíveis, em razão de serem refletidos, tanto nos personagens das histórias, como pelos fatos, por entender que a criança pode ter o ensinamento, advindo dos contos de fadas que um personagem que parecia asquerosa e que transmite medo pode, como num passe de mágica, transformar-se num amigo solícito.

Assim os contos de fadas desempenham a atividade de colocar a criança no seu mundo de magia onde existe medo, desejos e perigos. Chegando a transferir e também concretizar suas fantasias, por intermédio dos personagens das histórias. Os contos de fada conservam uma estrutura fixa onde se fundamentam em um problema que está ligado a realidade (como pobreza, morte da mãe ou conflitos entre pais e filhos), que desestabiliza a harmonia e sempre busca soluções com um plano cheio de magia, associado à introdução de elementos fantasiosos e a reabilitação da ordem da tranquilidade no final da história quando acontece o retorno para a realidade. Usando sempre dessa estrutura, os autores de uma forma ou de outra, demonstram aprovar o todo o imaginativo infantil, mas por outro lado, mostram a idéia de que ela não pode viver eternamente no mundo mágico dos contos de fadas, sendo obrigatória a voltara realidade no momento certo.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nas reflexões, aqui, desenvolvidas sobre os contos de fada, observamos a importância deste para a formação do gosto pela leitura pela criança, sobretudo quando se entende que é indispensável à intermediação do docente nesse processo, buscando facilitar a compreensão

da criança para que ela possa interagir com a história, entrando nesse mundo de fantasia e magia. Assim sendo, o docente precisa estar atento para que a criança não confunda realidade com fantasia, a partir do momento em que o docente busque estabelecer relação entre o mundo imaginário e o mundo real. Por isso é de suma importância a intervenção do docente, no que concerne à contribuição desse docente, enquanto mediador, já que ele se utiliza ou deve se utilizar de sua sensibilidade para com a leitura dos contos de fadas e a criança, de uma forma lúdica para que o aluno se sinta interessada pela leitura. Percebemos o quanto é importante os contos de fada na trajetória escolar do discente da educação infantil, dando bastante ênfase ao aprendizado da leitura pela a criança, sabendo que é bastante prudente que o mediador sempre busque facilitar esta compreensão.

Por fim é muito importante que o docente busque o conhecimento sobre os contos de fadas para que possa fazer essa interlocução docente-discente de maneira prática, sensível e objetiva. Dando ao discente o poder de explorar o seu conhecimento de mundo, ouvir uma voz própria, uma voz que só ela pode escutar para que ela possa opinar e emitir sua própria opinião sobre os contos de fada. É assim, que a criança amplia seu conhecimento de mundo e compreende o mundo e vai conhecendo a si próprio.

## **ABSTRACT**

This article aims to reflect on the importance of fairy tales as an important cultural object, who served and still serve to encourage the formation of the taste for reading. Because of this, we understand that fairy tales are a very important tool for stimulating reading in early childhood education and a strong ally of the teacher in pedagogical work in the classroom, which brings young readers to the world of magic and fantasy. This study is focused on a literature search in which the search, not as depth, highlight the importance of fairy tales, without losing sight of the students are attracted to reading, since we do with the stories interact with day to day children, allowing them to experience at the time of the story-telling, a unique and singular moment of pleasure. May thus awaken the taste for reading in their first contacts with the tales. Therefore, it is crucial that teachers have a keen eye when it comes to reading fairy tales to the child, before anything else, appropriates, in its unique way, the sense of reading, is delighting or displeasure for what is read and counted. And, whenever possible, the teacher establishes relationship between fantasy and reality. Anyway, so that the reader may have an idea, we have divided this article into three parts, tracing a route in which begins

with a brief look at the historical and cultural context of fairy tales, passing by a focused reflection to the struggle for meaning of fairy tales in relation to the formation of (a) reader (a) and, finally, by a reflection in question form: but why the child clearly needs magic? Supported in Cadermatori ideas (2009); Amarilha (1997); Bettelheim (2007); Silva (2009); Lajolo (2000) and others.

**KEYWORDS:** Reading; Fairy tale; Magic.

## REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** 3<sup>o</sup>.ed. Rio de Janeiro:Vozes, 1997.

ABRAMOVICH,Fani. **Literatura infantil:**gostosurasebobices. SãoPaulo: Scipione, 1997.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.**TraduçãoArlene Caetano –São Paulo:Paz e Terra, 2007.

COELHO,Nelly Novaes. **Literatura infantil:**Teoria,Análise,didática. 7<sup>a</sup>ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CADEMARTORI, Ligia. O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CADEMARTORI, Ligia. **O professor e a literatura:** para pequenos, médios e grandes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. **O que é literatura infantil.**4ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato:** um brasileiro sob medida. São Paulo: Moderna, 2000.

MARTINELI, Laís Pacifico. **Monteiro Lobato e a educação:** o ideário pedagógico expresso na personagem Dona Benta. 2011. 52 f. Monografia apresentada como pré-requisito para

conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Departamento de Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2011.

PIRES, Dilea Helena de Oliveira. “livro... Eterno livro...”. **Releitura**. Belo Horizonte: Março de 2000, vol.14.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira**: um guia para professores e promotores de leitura. 2 ed. Goiânia: Cênone Editorial, 2009.

<<http://www.infoescola.com/literatura/monteiro-lobato/>> acesso em 14/07/2016. História e Biografia de Monteiro Lobato – Resumo Obra e Vida

<<http://biografia.ahistoria.com.br/monteiro-lobato-resumo-obra-e-vida/>> em 14/07/2016